

O LUGAR COMO UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL*

Erika Vanessa MOREIRA**

Rosângela Aparecida de Medeiros HESPANHOL***

Resumo: O lugar pode ser compreendido como uma construção social, fundamentado nas relações espaciais diretas, no cotidiano e na articulação entre a cooperação e o conflito. No contexto atual em que a fluidez e a simultaneidade caminham juntas e a informação é um elemento central, o lugar apresenta-se tanto como expressão de resistência como de adaptação à ordem global. A globalização da economia, em vez de ocasionar a homogeneização dos lugares, propiciou ressaltar as suas singularidades. É a partir desta premissa que o texto está baseado, isto é, apreender o lugar como palco dos acontecimentos e como depositário final dos eventos.

Palavras-chave: lugar; subjetividade; cotidiano; rural.

Resumem: El lugar puede ser comprendido como una construcción social, fundamentado en las relaciones espaciales directas, en el cotidiano y en la articulación entre la cooperación y el conflicto. Y el contexto actual en lo cuál la fluidez y la simultaneidad marchan juntas y la información une uno elemento central, el lugar se presenta tanto como expresión de resistencia como de adaptación a la orden global. La globalización de la economía, en vez de ocasionar la homogeneización de los lugares, llevó a las singularidades. El texto esta basado en esta proposición, es decir, entender el lugar como palco de los acontecimientos y como depositario final de los eventos.

Palabras-clave: lugar; subjetividad; cotidiano; rural.

Résumé: Le lieu peut être entendu comme une construction sociale, encre sur de rapports spaciaux directs dans le quotidien et la dialectique entre la cooperation et le conflit. Dans le contexte actuel dans lequel la fluidité et la simultanéité marchent ensemble et l'information est un élément central, le lieu se présente a la fois comme une expression de resistance aussi bien que l'adaptation à l'ordre mondial. La mondialization de l'économie au lieu de conduire à l'homogénéisation des lieux a mis de relèbe leurs singularités, c'est à partir de cette prémisses que le texte est fondé, c'est à dire, comprendre le lieu comme un récipient des évènements.

Mots clé: le lieu ; la subjectivité ; le quotidien ; le milieu rural.

1. INTRODUÇÃO

Hoje, certamente mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo, obtida através do lugar (SANTOS, 2005, p. 161).

No contexto atual, a sociedade depara-se com um conjunto de acontecimentos que ultrapassam as fronteiras do local, pois são eventos globais, mas sua repercussão se materializa no lugar. Aliás, o lugar é o depositário final dos eventos (SANTOS, 2003).

O local e o global, articulados e justapostos, se mostram como uma das facetas do período técnico-científico e informacional e isso decorre da rapidez da informação e da fluidez da comunicação¹. Longe de levar à homogeneização dos lugares, a globalização da economia permitiu reforçar a diferenciação e as especificidades locais, sem se desvincular da ordem global.

* Este artigo é um desdobramento da Dissertação de Mestrado, concluída em 2007, junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNESP de Presidente Prudente.

** Doutoranda em Geografia pela UNESP de Presidente Prudente, Bolsista Capes e membro do Gedra (Grupo de Estudos Dinâmica Regional e Agropecuária). E-mail: evmgeo@yahoo.com.br

*** Professora Doutora dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia/UNESP de Presidente Prudente. E-mail: rosangel@fct.unesp.br

¹ Santos (2003) atenta para a diferença entre informação e comunicação, pois a comunicação pode ocorrer com o outro, sem contundo, transmitir informações, como também pode haver informações sem ter criado laços sociais (comunicação).

O propósito deste artigo é compreender os bairros rurais, considerando tanto a sua organização social e econômica quanto as transformações decorrentes da articulação entre as variáveis endógenas e exógenas. Para vislumbrar tal objetivo, utilizar-se-á o conceito geográfico de lugar como fundamental nesta investigação.

Apreender o lugar significa contextualizá-lo em suas acepções teóricas. Dessa forma, objetivamos procurar um caminho que proporcione um ponto de convergência entre as correntes da Geografia Humanística e da Geografia Crítica. Essas duas perspectivas teórico-metodológicas tratam o lugar com características diferentes, mas, nem por isso, uma anula a outra, pelo contrário, elas são complementares².

Essa complementaridade não ocorre no sentido de um pluralismo metodológico e epistemológico ou como alguns preferem chamar de um ecletismo. O que se pretende no decorrer do artigo é abordar o lugar para além do dogmatismo e do ceticismo - que engessam o avanço teórico - e trabalhar as diferenças, procurando abstrair os elementos importantes e indispensáveis para a compreensão dos bairros rurais como o lugar da diferença e da singularidade.

A apreensão teórica do lugar enquanto um espaço vivido e uma construção socioespacial vêm ao encontro das reflexões sobre os bairros rurais e as mudanças (sociais, econômicas, culturais e políticas) que ocorrem em seu interior, sobretudo em virtude do crescimento das atividades sem vínculos agrícolas.

Compreender o lugar é considerá-lo não como uma soma de objetos, mas como um sistema de relações (subjeto-objetivo, aparência-essência, mediato-imediato, real e simbólico). Desse modo, nos bairros rurais é possível presenciar os pares dialéticos, o novo e o velho, o tradicional e o moderno, o exógeno e o endógeno, enfim, as mudanças e as permanências.

Esse artigo está estruturado a partir de dois focos centrais: o lugar e os bairros rurais. Na primeira parte, retratar-se-á o conceito de lugar tanto na perspectiva humanística como na crítica. Para estabelecer uma ponte entre a abordagem do lugar e dos bairros rurais, mostrar-se-á a relação existente entre o lugar e o rural e a contextualização conceitual de bairros rurais.

2. LUGAR NA GEOGRAFIA HUMANÍSTICA: ESPAÇO VIVIDO E A SUBJETIVIDADE

A Geografia é a ciência dos lugares e não dos homens. A célebre expressão de Vidal de La Blache é bastante conhecida. Mas como essa corrente tradicional abordava o conceito de lugar?

O lugar era associado à idéia de região e de localização geográfica. Território e paisagem são os conceitos mais utilizados e referenciados nesta abordagem alemã e isso se deve à preocupação de sua institucionalização como ciência e às questões políticas que se apresentavam naquele momento.

Na Geografia Tradicional, consubstanciada no positivismo e na abordagem descritiva, buscava-se estudar a conexão entre os elementos presentes no meio, utilizando-se do empiricismo raciocinado, ou seja, a intuição a partir da observação³.

Tanto a escola alemã como a francesa pertencem ao que Moraes (1990) e Lencioni (1999) denominaram de **Geografia Tradicional**, cuja diferença se pauta na linha metodológica utilizada para estudar a relação homem-meio. Enquanto a Geografia alemã pauta-se no determinismo geográfico⁴, a escola francesa fundamenta-se no historicismo, isto é, ressaltava a importância de resgatar a história para apreender a mobilidade geográfica do homem, constituindo-se, assim, numa abordagem possibilista.

² Segundo Ferreira (2000), a articulação entre as duas concepções teóricas – Geografia Humanística e Geografia Crítica – propicia uma *visão integradora* e não dicotômica.

³ Lencioni (1999)

⁴ Foge do escopo do trabalho abordar, pormenorizadamente, o pensamento geográfico, por isso, realizou-se uma periodização sucinta das correntes geográficas. Maiores informações ver Moraes (1990) e Lencioni (1999).

Já nos anos de 1950 surge outra corrente geográfica denominada geografia quantitativa. Nas palavras de Ferreira (2002, p. 44), “o conceito de lugar é abandonado em detrimento do de espaço, considerado como um simples meio de análise”.

A Geografia quantitativa é uma tentativa de contemporaneizar uma redefinição das formas de veicular os interesses do capital, ou seja, uma mudança de forma sem alteração do conteúdo social, um instrumento prático e ideológico da burguesia⁵.

Na década de 1970, a Geografia Humanística e a Geografia Crítica surgem como oposições ao positivismo, com posturas metodológicas, filosóficas e epistemológicas diferentes, mas com um ponto em comum - a compreensão do mundo e a busca de explicações sobre a relação sociedade natureza e os elementos intrínsecos nessa relação (HOLZER, 1998).

Quando se utiliza o conceito de lugar, na maioria das vezes, se remete à Geografia Humanística, ou seja, associa-se o lugar apenas ao espaço vivido. Mas essa correlação não é por acaso, pois essa corrente encontrou no lugar a possibilidade de explicar a construção do mundo, já que o lugar é visto como o mundo da vida, marcado pela experiência e percepção.

O lugar é utilizado como principal conceito na abordagem humanística, cujas bases metodológicas estão associadas à fenomenologia e ao existencialismo - também chamado de uma fenomenologia existencial⁶, pelo diálogo estabelecido entre o homem e seu meio, através da percepção, do pensamento, dos símbolos e da ação (BUTTNER, 1982).

Relph, citado por Ferreira (2000), estabelece uma relação entre a Geografia e a fenomenologia⁷, mostrando o lugar como um espaço marcado pela experiência direta do mundo e do ambiente em que vive. Ainda nas considerações do autor, a fenomenologia contribuiu para recuperar a linguagem comum, livrá-las das distorções incorporadas pelos significados científicos. É notória, na argumentação desse autor, a preocupação de transpor ao indivíduo uma linguagem clara e simples, sem, contudo, transformá-la em senso comum.

Edward Relph propõe uma Geografia Fenomenológica, cuja preocupação central estaria na compreensão do mundo e seus significados. O autor acrescenta o fato cultural e as intenções humanas como pontos importantes no conhecimento geográfico com base fenomenológica. A subjetividade seria uma contraposição ao racionalismo objetivo, ou seja, a análise deveria levar em consideração o caráter subjetivo e não apenas o objeto em si.

Todavia, esse viés não permite uma interpretação racional e dialética da realidade. O subjetivo, por si só, é algo vago e pautado em particularidades. O mesmo se pode atribuir à análise restrita ao objetivo, pois esta geraria uma compreensão estática e reduzida.

Nessa linha interpretativa de Relph, o lugar deveria ser compreendido com base na autenticidade e inautenticidade. A localização, a paisagem e o envolvimento pessoal são pontos centrais da concepção de lugar. “O lugar seria, então, o ‘centro profundo da existência humana’, cuja essência estaria na ‘intencionalidade grandemente não-autoconsciente’” (FERREIRA, 2002, p 47).

A essência é uma das palavras-chave para entender o lugar na concepção de Holzer (1997), pois os geógrafos humanistas procuram ter uma concepção de mundo de maneira holística, ou seja, apreender todos os elementos presentes na inter-relação do homem e seu ambiente.

Mas a essência não é a qualidade ou o atributo de uma coisa ou um objeto, mas racionalidade imanente do ser (DARTIGUES, 1973). A essência está na relação da consciência e do

⁵ Segundo Moraes (1990), essa corrente geográfica apresenta as seguintes características: método empírico abstrato, modelos estatísticos, uso de modelos matemáticos, utilização da teoria dos sistemas, tecnologia de intervenção na realidade etc.

⁶ Buttner “buscará uma aproximação entre a fenomenologia e o existencialismo, propondo uma Geografia que dê ‘relevância às questões referentes às pessoas em vários contextos’ unindo a abordagem fenomenológica das condições e expectativas de vida no mundo cotidiano, a intenção existencialista de ajudar as pessoas a alcançarem uma consciência plena de seu mundo através de escolhas e decisões esclarecidas” (FERREIRA, 2002, p. 55).

⁷ A preocupação de articular a Geografia e a fenomenologia está presente não apenas na obra de Relph (1980), mas, também, em Buttner (1982) e Holzer (1997).

objeto, porque a consciência existe para alguma coisa, assim como o objeto existe para a consciência.

Para Tuan (1983), o lugar é marcado por três palavras-chave: percepção, experiência e valores. Os lugares guardam e são núcleos de valor, por isso eles podem ser totalmente apreendidos através de uma experiência total englobando relações íntimas, próprias (*insider*) e relações externas (*outsider*).

O autor supracitado distingue espaço e lugar: enquanto o espaço pode transformar-se em lugar, na medida em que se atribui a ele valor e significação; o lugar não pode ser compreendido sem ser ‘experenciado’.

O mundo vivido é tratado por Buttimer (1982) como uma peça-chave na relação entre a Geografia e a fenomenologia. O lugar seria o mundo vivido, “o elo entre os procedimentos geográficos e fenomenológicos”. Cada pessoa tem seu lugar natural, o ponto zero do seu sistema pessoal de referência. “Cada pessoa está rodeada por ‘camadas’ concêntricas de espaço vivido, da sala para o lar, para a vizinhança, cidade, região e para a nação” (BUTTIMER, 1982, p. 178).

Segundo sua concepção, habitar implica mais do que simplesmente morar ou organizar o espaço, significa viver de um modo pelo qual se está adaptado aos ritmos da natureza.

O lugar está imerso na *intersubjetividade*, sendo para Holzer (1997, p. 79) “o momento em que o corpo, como elemento móvel, coloca-se em contato com o exterior e localiza o outro, comunicando-se com outros homens e conhecendo outras situações”.

O lugar se estrutura na relação do “eu” com o “outro”, o palco da nossa história, em que se encontram as coisas, os outros e a nós mesmos. O corpo situa-se na transição do eu para o mundo, o ponto de vista do ser-no-mundo, sendo a condição necessária da existência humana.

A idéia de intersubjetividade está no diálogo entre a pessoa e o meio, na compreensão e na aproximação de herança sócio-cultural.

[...] a intersubjetividade sugere a situação herdada que circunda a vida diária. Pode também ser compreendida como um processo em movimento, pelo qual os indivíduos continuam a criar seus mundos sociais (BUTTIMER, 1982, p. 182).

O modo intersubjetivo permite um diálogo entre a pessoa e a subjetividade do seu mundo, sendo este mundo permeado de valores, de bens, de significados e de experiências pessoais. As experiências intersubjetivas não são fixas e imutáveis, mas, variam com as mudanças e as atitudes.

O mundo vivido foi um dos conceitos importados da fenomenologia para a Geografia Humanista; a ela se refere o mundo da vida e da experiência cotidiana. Nesse *mundo* busca-se captar a essência das coisas por meio da compreensão, cuja palavra-chave é a intencionalidade da consciência⁸.

Essa intencionalidade refere-se à relação entre os atos da consciência e como aparecem na consciência, e esta, por sua vez, se constitui a partir das experiências vividas. O lugar, produto da experiência pessoal vivida, permeado de dimensões simbólicas, culturais, políticas e sociais, só adquire uma identidade e significado através das intenções humanas atribuídas a ele⁹.

Para chegar à “essência”, buscam-se as **variações imaginárias**, que consistem nas características variadas no pensamento de um objeto ou realidade até que se obtenha o que é invariável (HOLZER, 1997, p. 78).

Nos bairros rurais, unidades geográficas pesquisadas, encontram-se uma das características do lugar na perspectiva da Geografia Humanística, ou seja, a identidade. Esta seria a expressão da adaptação e da socialização do conhecimento entre o grupo e seu mundo.

⁸ A intencionalidade é o ser ou essência da consciência, pois segundo Chauí (2001) a consciência é um ato intencional e sua essência é a intencionalidade.

⁹ LEITE (1998).

A identidade do lugar tem relação com o espírito deste, cujo enraizamento e o sentimento de familiaridade dependem das qualidades físicas e das mudanças que as gerações humanas lhe atribuem (HOLZER, 1997).

Relph menciona que a relação entre o indivíduo e a comunidade com o seu lugar permite e reforça a identidade destes, mesmo com as modificações introduzidas.

Para Buttimer (1982), a identidade cultural está intrinsecamente relacionada à identidade com o lugar. As dimensões culturais, emocionais, políticas e biológicas permitem ao indivíduo possuir redes de interações baseadas no lugar. Mesmo diante das transformações no lugar, para o indivíduo e para a comunidade, a sensação de que as características antigas permanecem, reforçam a identidade com o lugar.

A identidade de um lugar depende tanto das experiências intersubjetivas como das aparências. Ferreira (2002), com base nas fundamentações de Relph, pontua que a identidade deveria ser considerada a partir de quatro pontos:

1. Seus componentes constituintes;
2. Suas formas e níveis de externidade (*outsideness*) e internidade (*insideness*) da identidade com o lugar;
3. Das ligações das imagens de lugares com sua identidade;
4. Dos modos pelos quais as identidades se desenvolvem, são mantidas e se modificam.

A localização física estática, as atividades, os significados e o espírito do lugar compõem a sua identidade. “Quanto mais profundamente se está dentro de um lugar mais forte a identidade com ele” (FERREIRA, 2002, p. 48).

Um exemplo ilustrativo refere-se aos bairros rurais, pois, mesmo diante das mudanças sociais, econômicas e espaciais, os indivíduos guardam na memória o passado e incorporam o sentimento de pertencimento ao lugar.

O lugar seria o centro de valores indispensáveis para a nossa identidade. O lar, por exemplo, expressa a relação do indivíduo com seu lugar. Todavia, o lar é mais amplo que o objeto - casa. Essa relação entre a percepção de lar, o objeto casa e como a casa aparece em nossa consciência (valores, bem-estar, significados) é o que se chama de **princípio de intencionalidade** ou **a intencionalidade da consciência**.

O indivíduo pode residir numa casa por longo período, mas não criar vínculos com o lugar. O mesmo ocorre com aqueles indivíduos que mudam para outra cidade, mas guardam o sentimento de pertencimento com a anterior. A experiência necessita de tempo, mas ele não é o único elemento. A estabilidade, concebida como uma pausa no movimento, possibilita a convivência por um determinado tempo com o lugar. A identidade e a estabilidade seriam as características centrais dos lugares (HOLZER, 1997).

O lugar, como será abordado na seção posterior, não deve ser associado apenas ao espaço vivido, como defendido na linha fenomenológica. Mas, a partir de uma visão mais integradora, incluindo a relação entre as variáveis internas e as externas. É numa perspectiva menos subjetiva e mais abrangente que se procura discutir nas próximas seções.

3. LUGAR NA GEOGRAFIA CRÍTICA: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL

Na Geografia Crítica, o lugar deixa de ser visto apenas como o espaço vivido, de tendência fenomenológica, e tende a ser considerado uma construção social. Autores como Carlos (1996, 2001), Harvey (1996) e Santos (1994; 2004) são alguns expoentes que abordam o lugar a partir do materialismo histórico e dialético.

Para Santos (1994), o lugar abarca uma permanente mudança, decorrente da própria lógica da sociedade e das inovações técnicas que estão sempre transformando o espaço geográfico.

A compreensão do lugar no movimento das contradições exige entendê-lo pautado nos seus pares dialéticos: o interno e o externo; o novo e o velho; o local e o global. O interno abarca as variáveis que estão presentes no lugar, “aquilo que aparece como local”, e o externo constitui-se o

que está fora do lugar e se apresenta como uma escala de ação maior. Contudo, os lugares têm variáveis internas e externas, sendo que o externo ao se inserir no lugar se internaliza.

De acordo com o referido autor, a concepção de lugar está intimamente relacionada à própria definição de espaço:

Tudo que existe num lugar está em relação com os outros elementos desse lugar. O que define o lugar é exatamente uma teia de objetos e ações com causa e efeito, que forma um contexto e atinge todas as variáveis já existentes, internas; e as novas, que se vão internalizar (SANTOS, 1994, p. 97).

Em outra passagem, o espaço é definido como:

[...] um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação do homem sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais (SANTOS, 1988, p. 71).

Essas citações ilustram que espaço e lugar nesta obra de Santos (1994)¹⁰ aparecem como sinônimos. O mesmo não ocorre em outra obra publicada em 2005 quando ele escreve sobre a importância do lugar no período técnico-científico informacional, pois afirma que o que vai diferenciar os lugares é justamente a resistência do interno aos fatores externos.

O novo não chega a todos os lugares ao mesmo tempo e com a mesma intensidade. Ou seja, o novo ao chegar num determinado lugar não é absolutamente novo. Isso reforça, também, a resistência do velho à chegada do novo. Como exemplo, pode-se mencionar a permanência das atividades lúdico-religiosas no meio rural. O novo chega, mas não hegemoniza todas as esferas e todos os lugares. “O novo expulsa o velho, às vezes este resiste por muito tempo” (SANTOS, 1994, p.99).

Na visão de Harvey (1996), o lugar é uma construção social que deve ser compreendida como uma localização e como uma configuração “de permanências relativas internamente heterogêneas, dialéticas, dinâmicas contidas na dinâmica geral de espaço-tempo de processos sócio-ecológicos” (HARVEY *apud* FERREIRA, 2001, p. 71).

O autor busca em Marx uma explicação sobre o lugar e a sua importância no sistema capitalista:

[...] para Marx o lugar se define dentro da Geografia histórica da acumulação de capital como um dos constituintes do mundo espaço-temporal de intrincadas relações sociais e valorações universais [...] a construção do lugar estaria ligada (direta ou indiretamente) com o capital e representaria um ‘momento de consolidação de um regime de relações sociais, instituições e práticas político-econômicas de inspiração capitalista [...] busca-se compreender, deste modo, o local como uma expressão do global (FERREIRA, 2000, p. 71).

O lugar seria a base da reprodução da vida, podendo ser analisado pela tríade habitante-lugar-identidade. Essa é a concepção de Carlos (1996), que tem como objetivo fomentar uma discussão teórica sobre o conceito de lugar no período contemporâneo, marcado pela globalização e complexidade da relação local-global.

É fundamental considerar o lugar como palco dos acontecimentos pela sua dimensão real, prática, sensível e concreta. Além disso, se torna fundamental considerá-lo como uma construção tecida por relações sociais no espaço vivido, garantindo uma rede de significações e sentido, tecidos

¹⁰ SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1994.

pela história e cultura. O lugar tem usos e sentidos e, portanto, abarca a vida social, a identidade e o reconhecimento (CARLOS, 1996).

Carlos (1996) retrata que a dimensão histórica na concepção de lugar está articulada à prática cotidiana, que se aproxima da abordagem humanística.

Para a referida autora, a escala geográfica é de extrema importância, pois um bairro, uma rua e, até mesmo, uma cidade é um lugar, mas uma metrópole, por sua vez, está longe de ser considerada um lugar¹¹. Em contrapartida, Santos (2004) enxerga a metrópole como um lugar¹², palco das atividades de vários tipos de capital (bancário, financeiro, social etc.):

A cidade grande é um enorme espaço banal, o mais significativo dos lugares. Todos os capitais, todos os trabalhos, todas as técnicas e formas de organização podem aí se instalar, conviver, prosperar. Nos tempos de hoje, a cidade grande é o espaço onde os fracos podem subsistir (SANTOS, 2004, p. 71)

No lugar, o homem percebe o mundo através do corpo e do sentido, constitui então o espaço apropriável para viver. É necessário ser um espaço vivido, conhecido e reconhecido em toda a sua amplitude. O corpo é o nó vital para se apropriar do espaço; essa é a visão de Carlos (1996) sobre o lugar e a singularidade. Assim, esta autora defende que uma cidade grande está longe de constituir-se num lugar, pois as relações de proximidade são tênues.

O bairro é um lugar, pois tem o espaço imediato da vida das relações cotidianas, relações de vizinhança, encontro dos conhecidos, laços de identidade entre os habitantes e entre os habitantes e o lugar (CARLOS, 1996; 2001).

São os lugares que o homem habita dentro da cidade que dizem respeito a seu cotidiano e a seu modo de vida, isto é, pelas formas através das quais o homem se apropria e que vão ganhando o significado dado pelo seu uso. Trata-se de um espaço palpável, como salienta CARLOS (1996, p. 21/22):

O lugar só pode ser compreendido em suas referências, que não são específicas de uma função ou de uma forma, mas de um conjunto de sentidos e usos. Assim, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos que ocorrem ou ocorreram no mundo.

A monumentalidade do espaço através de símbolos de poder revela que o lugar, também, é um espaço vazio, pois é construído em função de uma lógica que impõem modos de usos, comportamentos e a duração do uso. Com respaldo em Carlos (1996), pode afirmar que o lugar se revela em sua simultaneidade e multiplicidade de espaços sociais que se justapõem e interpõem no cotidiano, através das situações de conflitos e combinações.

De acordo com Santos (1988, p.34), ao mesmo tempo em que as singularidades garantem configurações únicas, os lugares estão em interação graças à atuação das forças motrizes do modo de acumulação hegemonicamente universal.

A identidade, o sentimento de pertencimento e o acúmulo de tempos e histórias individuais constituem o lugar. Este guarda em si o seu significado e as dimensões do movimento da história, apreendido pela memória, através dos sentidos. Há uma multiplicidade de relações e especificidades da produção espacial global.

Lefebvre *apud* Carlos (1996, p. 31) afirma que:

¹¹ O lugar constitui a dimensão prática sensível, real e concreta, “aparece como uma condição de realização da vida cotidiana”, desse modo, o lugar não é algo abstrato nem abarca o todo, mas se revela no plano da microescala (CARLOS, 2001, p. 35).

¹² Para Santos (2004), existem lugares globais simples e lugares globais complexos, a metrópole se enquadraria no segundo tipo, marcado com uma variedade e maior complexidade nos vetores existentes.

Os lugares tanto se opõem como se completam ou se reúnem o que introduz uma classificação por topias (isotopias, heterotopias, utopias, quer dizer lugares contrastantes), mas também e, sobretudo, uma oposição altamente pertinente entre os espaços dominados e apropriados.

O lugar contém multiplicidades de relações ao mesmo tempo em que pode ser compreendido enquanto uma realidade sensível, correspondendo ao uso e à prática vivida no cotidiano. Assim, de um lado, temos a multiplicidade das relações e, de outro, a especificidades da produção espacial global. Assim, todos os lugares podem ser mundiais.

De acordo com Carlos (1996), o lugar não deve ser concebido como autônomo, mas como parte integrante de uma totalidade espacial, consubstanciada na divisão espacial do trabalho. Na era das redes, os avanços nos meios de transporte e comunicação estão cada vez mais velozes e procuram encurtar a distância entre os espaços e o tempo.

O lugar contém sempre o global, sendo específico e mundial, ao mesmo tempo em que se articula a uma rede de lugares. O lugar pode se apoiar numa rede de difusão – de fluxos de informação, bens e serviços –, processo que tem como pano de fundo a mundialização da sociedade, da economia, da cultura e do espaço, que se constitui cada vez mais num espaço mundial articulado e conectado, o que implica um novo olhar sobre o local (CARLOS, 1996).

A globalização gera a competição entre os lugares ou, como denomina Carlos (1996), a “guerra dos lugares”, cujo interesse se volta aos investimentos econômicos. Ocorre uma hierarquização diferencial dos lugares baseada na ação do Estado, dos poderes locais e das empresas multinacionais:

O Estado produz o espaço regulador e ordenador que tende a estabelecer-se no seio do mundial, pois transforma as condições históricas do território nacional engendrando novas relações que se articulam no plano de totalidade mais vasta. Afirma-se em todos os lugares produzindo uma hierarquia espacial através de uma nova relação entre a produção e o saber [...] (CARLOS, 1996, p. 50).

Longe de levar à homogeneização dos lugares, a globalização propiciou a diferenciação e ressaltou as especificidades do local, sem deixar de estar articulado e influenciado à ordem global.

Quando se propõe contextualizar sobre o lugar, vem à tona abordar a memória do indivíduo em relação ao lugar. Isso porque a memória traz a possibilidade de resgatar o lugar. O bairro se coloca como lugar da reprodução da vida imediata, seja da ordem próxima ou distante¹³.

O bairro como nível da prática socioespacial se revela no plano vivido (envolvendo a categoria habitante), que mostra a condição da vida material, ganha sentido na vida cotidiana, expressando as condições da reprodução espacial no mundo moderno. [...] nessa dimensão concreta, ocorre a produção de laços de solidariedade e união dos habitantes [...] (CARLOS, 2001, p. 244).

É importante frisar que Carlos (2001) retrata um bairro urbano, mas algumas características podem ser aplicadas aos bairros rurais, como, por exemplo, a identidade e as relações de vizinhança. É notável a percepção dos moradores dos bairros rurais quanto às mudanças (econômicas, culturais e territoriais) em virtude do avanço da malha urbana em direção às áreas rurais do entorno.

Não é apenas a Geografia Humanística que relaciona o lugar à identidade e ao sentimento de pertencimento, a abordagem geográfica contemporânea também enfoca a identidade como uma das

¹³ “Lugares como condição da vida, que vão ganhando o significado dado pelo uso (em suas possibilidades e limites). Trata-se, portanto, de um espaço palpável, real e concreto – extensão exterior, o que é exterior a ‘nós’, e ao mesmo tempo interior” (CARLOS, 2001, p. 36). É na relação entre habitante e lugar que a autora enfatiza a importância do bairro como a porção do espaço em que as transformações (materiais e culturais) são percebidas e reconhecidas, tanto como benéficas como prejudiciais ao bairro.

características do lugar. Castells (2000, p. 22) considera a identidade como um processo de construção de significados pautados em “conjuntos de atributos culturais inter-relacionados, o (s) qual (ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significados”¹⁴. Essa construção da identidade está articulada com as relações de poder.

Na concepção de Castells (2000), a identidade¹⁵ deve ser compreendida como processo culturalmente construído e repleto de significados, sendo que sua construção pode ocorrer por instituições dominantes, como a igreja.

A mundialização dos lugares os torna cada vez mais específicos e singulares através da especialização dos elementos do espaço, da dissolução dos processos de acumulação de capital, do aumento das ações que distingue e interligam os lugares (FERREIRA, 2000).

Santos (1994; 2005) distingue e, ao mesmo tempo, relaciona o Lugar¹⁶ e o Mundo. Na perspectiva deste autor, o mundo constitui-se num conjunto de possibilidades e o lugar como um conjunto de oportunidades que proporciona um caminho para entender a complexidade do real: “É o lugar que oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz. Para se tornar espaço, o Mundo depende das virtualidades do Lugar” (SANTOS, 2005, p. 158).

Muda o mundo e, ao mesmo tempo, mudam os lugares. Os eventos operam essa ligação entre os lugares e uma história em movimento. O lugar, aliás, define-se como funcionalização do mundo e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente (SANTOS, 2005, p. 158).

O espaço banal de Santos (1994, 2005) é marcado pelo todo e por tudo, ou seja, abrange diferentes atores, dimensões e determinações da totalidade social, e o lugar, como espaço banal, permite entender a complexidade do espaço.

O lugar expressa a cooperação e o conflito, a permanência e a mudança, a criação e a recriação das dinâmicas impostas pelas forças internas e externas do mundo.

O lugar permite a co-presença, a convivência, a contigüidade, a vizinhança, a interação, o **estar juntos**. Para Arroyo (1996), o lugar é o espaço banal da Geografia, criador da solidariedade.

Arroyo (1996) observa que o pensamento de Milton Santos recebeu influências não apenas de autores da perspectiva do materialismo histórico, mas, também, de pesquisadores que se fundamentavam na fenomenologia e no estruturalismo, pois o conceito de mundo da vida e mundo vivido aparece em sua obra ao se referir ao lugar como o espaço banal, em que a relação espaço e tempo está vinculado ao cotidiano.

“O lugar é onde estão os homens juntos, sentidos, vivendo, pensando, emocionando-se” (SANTOS *apud* ARROYO, 1996, p. 59). A trama que se funde entre o lugar, o espaço banal e o cotidiano são fundamentais para auxiliar na busca de uma elucidação da complexidade do real e do conhecimento.

Todavia, o pensamento de Santos (2004) não restringe o lugar apenas ao espaço vivido, como apreendido pela fenomenologia; ao contrário, acrescenta o cotidiano e a relação dialética do global e do local, do novo e do velho.

¹⁴ Segundo Castells (2000), é necessário distinguir a identidade e os papéis que se exerce, ou seja, os papéis são estruturados por instituições e organizações da sociedade (ser trabalhador, mãe, político etc). A identidade refere-se a fontes de significados construídas através da individualização, constituindo fontes mais importantes do que os papéis sociais, justamente pelo processo da autoconstrução e individualização.

¹⁵ Há três formas de construção da identidade: *a identidade legitimadora*: construída por instituições dominantes (por exemplo, o nacionalismo), levando a constituição de uma sociedade civil; *a identidade de resistência*: fundamentadas em posições contrárias estigmatizadas pela classe dominante (como exemplo, os favelados), propiciando a formação de comunas e comunidades; *a identidade de projeto*: refere-se à ação de atores sociais que buscam uma nova identidade capaz de redefinir a sua posição na sociedade e a transformação estrutural da sociedade (por exemplo, o feminismo), produz por sua vez, sujeitos, ou seja, atores sociais coletivos que lutam por uma sociedade melhor (CASTELLS, 2000, p. 24-26).

¹⁶ Santos (2005) escreve “Lugar” com letra maiúscula, justamente para enfatizar a ‘força’ que ele apresenta.

O cotidiano permite, na concepção miltoniana, identificar e analisar as relações de vizinhança e também os conflitos e as diferenças presentes no lugar. Nos bairros rurais é perceptível essa noção de mudança e a nostalgia em relação ao tempo do cultivo de lavouras, das grandes festas religiosas, da tranquilidade e do convívio familiar.

É dentro dessa perspectiva que o lugar deve ser considerado, construindo solidariedade entre o mundo. Solidariedade que se expressa em diferentes tipos: **vívida e espontânea** “exprime a ordem local, fundada numa organização solidária que emerge o trabalho compartilhado da vizinhança, da emoção”; **organizacional**, “criada pela razão técnica, os cálculos e produtividade”; e, **mercantil**, marcada por normas destinadas “a um espírito de cálculo e previsão” (SILVEIRA, 1996, p.67).

De maneira resumida, Silveira (1996) discute que, na relação entre a razão global e razão local, o lugar adquire uma hibridização, ou seja, abarca tanto características do global (racionalidade) como características intrínsecas do local (a emoção).

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora, produzindo a identidade (CARLOS, 1996).

A globalização da economia e a inovação nos meios de comunicação e transportes permitem uma interconexão entre os vários pontos do mundo em tempo real. Mas nem todos têm acesso às inovações, seja em virtude dos valores econômicos ou étnico-culturais. As relações capitalistas são contraditórias, dialéticas e combinadas, ou seja, ao mesmo tempo em que se nega a presença do antigo, precisa dele para fundamentar o novo.

Parafraseando Santos (2005, p. 163), o mundo oferece as possibilidades e o lugar as ocasiões. Assim, o lugar não é passivo, mas “globalmente ativo”. Isso porque, ele tem autonomia e força. Por isso, o autor intitulou um capítulo desta obra com “A força do lugar”, para demonstrar a importância do lugar na “produção da história e, apontá-lo é a grande tarefa dos geógrafos neste fim de século”.

Da Geografia Humanística à Geografia Crítica a compreensão do lugar, enquanto um espaço vivido, construído nas relações sociais, abarca o cotidiano, a cooperação e as relações de conflito entre os indivíduos e o mundo.

4. O LUGAR E O RURAL

O lugar, como conceito espacial de análise, ganha relevância no período contemporâneo, não como mero instrumento de localização ou uma base física, mas como uma construção socioespacial, edificada nas relações entre os indivíduos e a base territorial em que se vive e sobrevive.

Diante dessa premissa torna-se importante atrelar o lugar ao rural, justamente porque no campo a unidade produtiva e a unidade familiar são, em muitos casos, indissociáveis. A dimensão do lar¹⁷ como o lugar da sociabilidade da família e a dimensão da unidade de produção como local das estratégias de reprodução social e econômica, denotam a indissociabilidade do local de moradia e o local de trabalho. Contudo, o desenvolvimento da pluriatividade e das atividades não-agrícolas acabam por separar esses locais. Mas não por dissociar a identidade do indivíduo com o local em que ele reside.

Segundo Santos (1999, p. 65), “o sentimento de pertencimento a um determinado lugar constrói uma introspecção de valores que condiciona o modo de vida dos indivíduos”.

No que concerne à relação entre os produtores rurais e o lugar em que vivem, Alves (2004, p. 204) menciona que a escala da comunidade¹⁸ permite entender os elos de sociabilidade entre os

¹⁷ De acordo com a reflexão de Alves (2004, p. 201), o espaço da casa é o lugar que abarca tanto a moradia como a identidade da família em relação ao bairro rural.

¹⁸ A comunidade descrita por Alves (2004) pode ser traduzida em nossa realidade empírica como os bairros rurais, isso decorre das características semelhantes entre as duas formas de organização.

moradores. “O lugar é tido como a base da vida cotidiana e da sociabilidade entre as pessoas”. O sentimento de pertencimento ao lugar está relacionado ao trabalho acessório, às formas de solidariedade, às atividades lúdico-religiosas, às relações de parentesco e vizinhança e à perspectiva dos filhos em continuar na propriedade e na agricultura.

O bairro rural como o lugar da vida cotidiana, da relação de vizinhança, da identidade e das formas de solidariedade religiosa possibilita entender a relação dialética do tradicional e do moderno. A adaptação e a substituição de antigos comportamentos, atividades e costumes, como o uso do telefone, dos eletrodomésticos e dos automóveis, convivem numa relação concomitante e dialética entre os aspectos tradicionais, principalmente presente nas manifestações religiosas.

As relações de vizinhança e o sentimento de pertencimento ao lugar refletem o apego e a identidade ao lugar. A terra constitui-se o aspecto primordial da relação entre os indivíduos e o lugar, pois é o principal meio de trabalho e sobrevivência da família.

A terra é considerada a base material da existência da família, seja pela fixação desta no lugar, seja pela possibilidade de sua reprodução social advinda da comercialização de algum produto e pelo autoconsumo, pela liberdade de não ter patrão, de não ser assalariado (ALVES, 2004, p. 209).

Na concepção de Shirley (1977 *apud* SANTOS, 1999), os bairros rurais têm como uma das características mais notáveis a identidade com o lugar; por isso se torna mais pertinente situar os bairros rurais como o grupo de vizinhança relacionado com o lugar.

Para reforçar a importância do sentimento de localidade nos bairros rurais, a referida autora observa que em muitos bairros é mais frequente se recorrer em momentos de dificuldades ao vizinho do que aos parentes.

Todavia, a sociabilidade não fica restrita apenas ao grupo familiar, mas aos grupos de vizinhanças que extrapolam os limites de um bairro. Estreitam-se os laços entre os vizinhos e parentes. As formas de solidariedade e atividades religiosas encontram na escala do bairro, a sua base para materializar-se, seja como festas, troca de dias, ajuda mútua e reciprocidade entre os vizinhos (como verificado na pesquisa de mestrado realizada nos bairros rurais do Município de Presidente Prudente).

Dessa maneira, adotou-se o lugar como um conceito que abrange a relação identidade-sociabilidade-grupo. Os bairros rurais como lugares estão submetidos constantemente às transformações econômicas, sociais, culturais e espaciais; por exemplo, com a introdução de novas funções (preservação ambiental, lazer, patrimônio cultural, moradia etc), novas formas de ocupação (pluriatividade e as atividades não-agrícolas) e também mudanças nas relações de gênero e no cotidiano das famílias rurais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo, resultado de parte das reflexões realizadas durante o mestrado, permitiu apresentar uma discussão teórica sobre o conceito de lugar.

Procurou-se mostrar que o lugar passa a ser considerado, no período contemporâneo, como uma construção socioespacial marcada pela relação contraditória e combinada da cooperação e do conflito.

O lugar não deve estar associado a “uma necessidade antropológica” e, tampouco, a um local cognitivo, mas na integração das ações e dos atores, dos grupos e das trocas (materiais e imateriais).

Diferentemente da Geografia Humanística que considerava apenas os elementos internos como responsáveis pela construção do lugar, a corrente crítica subsidia seus estudos com análises mais abrangentes, isto é, incorporando a ação dos fenômenos externos. Assim, o lugar deixa de ser um mero espaço vivido e passa a ser uma construção socioespacial.

7. REFERÊNCIAS

- ALVES, José. **A dinâmica agrária do Município de Ortigueira (PR) e a reprodução social dos produtores familiares**: uma análise das Comunidades Rurais de Pinhalzinho e Vila Rica, 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.
- ARROYO, Mônica. A trama de um pensamento complexo: espaço banal, lugar e cotidiano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. (org) **Ensaio de Geografia contemporânea**: Milton Santos obra revisitada. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 55-62.
- BUTTNER, Anna. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLLETTI, Antônio. **Perspectiva da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-Tempo na Metrópole**: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- DARTIGUES, André. **O que é Fenomenologia?**. 2º ed. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.
- FERREIRA, Genovan Pessoa de Moraes. O papel do lugar na reflexão de um cidadão do mundo. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. (org) **Ensaio de Geografia contemporânea**: Milton Santos obra revisitada. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 275-284.
- FERREIRA, Luiz Felipe. Acepções recentes dos conceitos de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Revista Território**. Rio de Janeiro, ano V, n. 09, julho/dezembro de 2000. p. 65-83.
- FERREIRA, Luiz Felipe. Iluminando o Lugar: três abordagens (Relph, Buttimer e Harvey). **Boletim Goiano de Geografia**. Goiânia, jan/julho de 2002. v. 22, n.01. p. 43-72.
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. In: **Território**. Rio de Janeiro: Garamond – LAGET/UFRJ, 1997, n. 03, p. 77-85.
- LEITE, Adriana. Lugar: duas acepções geográficas. In: **Anuário do Instituto de Geociências**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998, v. 21. Disponível em: <http://www.igeo.ufrj.br/anuario_1998/anuario_1998_v21_09_20.pdf> [texto para download] Acesso em 03 de maio de 2005.
- LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: Edusp, 1999.
- MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia**: pequena história crítica. São Paulo: Hucitec, 1990.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 3º ed. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. 4ªed. São Paulo: Edusp, 2003.

SILVEIRA, Maria Laura. Uma teoria geográfica da sociedade: razão global e razão local. In: CARLOS, Ana Fani A. (org) **Ensaio de Geografia contemporânea:** Milton Santos obra revisitada. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 63-72.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia de oliveira. DIFEL: São Paulo, Rio de Janeiro, 1980.